

MARES E MORTES

Marian Ávila de Lima e Dias

Muitos têm morrido por aqui. Muito tem se falado de morte. Morrem pessoas e idéias. Simplesmente param de engendrar encontros e saem de cena. Já não são mais nossos solidários intercessores. Já não podemos mais contar com eles. Que descansem em paz.

O que ocorre com as redes desses encontros tão arduamente tecidos em vida? Transformam-se nos tais buracos, nas faltas? O que sobram são as linhas que teciam esses encontros, continuando a afetar e serem afetadas pela vida e também pela morte. Profusão de mortes, profusão de encontros e desencontros. Redes soltas, desfeitas, arrebentadas por um mar em ressaca.

Morrem os homens porque morreu 'aquilo' que os fazia transitar pelo mundo. Aquilo – o refrão da nossa canção em vida que faz do movimento ritmado de retornar/avançar uma onda em direção a novos encontros. Morrem os homens, ensurdecidos pelo canto da sereia, sem mais poder ouvir o seu próprio canto. Renascem idéias sobre punir e matar os que sobrevivem por encontrarem um mar propício à temporada de caça transmitida 'ao vivo' em via satélite.

Alguns desses mares também estão morrendo. Esse *mare nostrum* dos modos de existir poluídos pelo cargueiro 'eu', pelo petroleiro 'Outro', pelos portos de chegada, seus detritos e seu gosto de sangue. Resgata-se o mar sem rotas, e embora não se consiga resgatar um de seus marinheiros mortos, criador de tantas redes, esse mar caótico passa a ter vazão entre nós quando sepultamos o mar da modernidade, tão esquartejado pelas rotas do colonizador. É um mar silencioso que traz em si também a morte, no qual esta é apenas uma parte da vida; um dentre os vários acidentes geográficos que o mar possui.

Que descansem em paz os mortos de todos esses mares, que o mar nômade se espalhe na descoberta de novos territórios e novos marinheiros possam mergulhar em suas águas.